

Energia eólica offshore – desafio e oportunidade

ARTIGO

Lucas Martins
 Gerente de Energia & Utilidades do Bureau Veritas

As energias renováveis são a principal solução para revertermos a crise climática que desafia o planeta e, apesar de alguns governos atrasarem a revisão de suas matrizes energéticas, enquanto outros a aceleram, os parques eólicos offshore estão delineando uma nova tendência. Neste cenário, o Brasil passa a ter destaque no debate mundial, afinal é esperado que novas tecnologias eólicas e suas ramificações estejam presentes em um país

com notável potencial geográfico e financeiro.

Considerando a complexidade de implantação das plantas eólicas offshore, quanto mais preparados e amparados tecnicamente, maiores as chances de aprovação e celeridade nas operações. Em 2020, a indústria global recebeu US\$ 303 bilhões em investimentos e, com o avanço da tecnologia, os custos de instalação reduziram 9%. No Brasil, os 22 projetos em fase de licenciamento ambiental têm 42 GW de potência, o que ultrapassaria a capacidade dos parques em terra, que geraram 19 GW no primeiro semestre de 2021.

É natural que a abertura de um novo mercado traga desafios, mas é preciso considerar as enormes vantagens. Com

O Brasil tem o que é preciso para ocupar uma posição central e diversificar sua matriz energética

mais de 8 mil quilômetros de área costeira e ventos de até 32 km/h, o Brasil tem o que é preciso para ocupar uma posi-

ção central de investimentos e diversificar sua matriz energética, além de trazer mais competitividade ao mercado mundial. Os desafios do mercado eólico offshore precisam ser vencidos.

O primeiro olhar é para as próprias condições climáticas e geográficas da região: é preciso compreender intimamente a caracterização do vento, das ondas, das correntes e do fundo do mar. Deve-se considerar ainda as especificidades de fauna e flora, sendo primordial a Avaliação de Impacto Ambiental. Outro ponto de atenção é a seleção de materiais para a produção da malha energética, a fim de que não apresentem falhas, comprometendo o planejamento financeiro e operacional.

Os procedimentos legais e administrativos também são um desafio. A legislação brasileira já contempla empreendimentos eólicos offshore, ainda assim, o Congresso Nacional avalia novo projeto de lei visando a um marco regulatório para o setor. Iniciativa urgente.

A energia eólica offshore já opera e sustenta diferentes nações. Não há razão para o Brasil ficar para trás nesse mercado nem para as iniciativas privadas do setor estarem recuosas em acelerar os processos deste novo cenário. A transição energética é uma necessidade prioritária para a economia, para a perenidade de negócios e para a sustentabilidade do planeta. ●

O COLUMIAN CELSO MINGO ESTÁ EM FÉRIAS

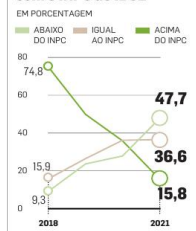
Trabalho Negociações salariais

Parcelamento de reajustes cresce em contexto de economia fraca

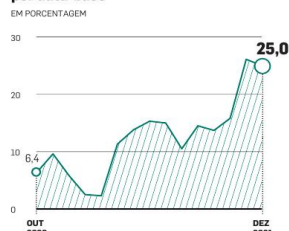
SALÁRIO PERDE PARA A INFLAÇÃO

Principais indicadores das negociações salariais dos trabalhadores de empresas privadas

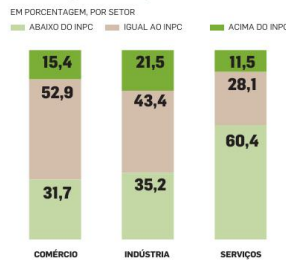
Distribuição dos reajustes salariais em comparação com o INPC do IBGE



Fatia de reajustes pagos parceladamente sobre o total, por data-base



Distribuição dos reajustes em 2021



FONTE: DADOS DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, ELABORADOS PELO DIEESE / INFOGRÁFICO-ESTADÃO

Fracionamento dos aumentos, inflação e desemprego tiram poder de barganha do trabalhador, ressalta pesquisadora

MÁRCIA DE CHIARA

A perda de poder de barganha dos trabalhadores nas negociações durante o ano passado se refletiu não apenas no avanço da parcela de reajustes abaixo da inflação, mas também no forte aumento nas correções de salários pagas de forma parcelada, em duas ou três vezes, pelos patrões.

Esse movimento veio ganhando força desde março, quando 11,3% dos reajustes eram quitados em várias vezes. A modalidade de pagamento cresceu a cada mês e atingiu o pico em novembro, quando respondeu por 26,1% das negociações fechadas. Em dezembro, recuou ligeiramente e ficou em 25%. Anteriormente, o pagamento parcelado dos reajustes salariais não chegava a representar 3% do total.

Luís Ribeiro, técnico responsável pelo Sistema de Acompanhamento de Contratações Coletivas do Dieese, diz que essa tendência foi impulsionada pelo aumento da inflação, pela pandemia e pela fra-

queza da economia. "Para conseguir ao menos o INPC, os sindicatos tiveram de aceitar o parcelamento do reajuste."

Foi exatamente o que ocorreu com os cerca de 160 mil trabalhadores de restaurantes, bares e hotéis da capital paulista e de 33 municípios vizinhos, reunidos no Sintho- resp, sindicato filiado à Força Sindical. Rubens Fernandes da Silva, secretário-geral do sindicato e responsável pelas negociações salariais desde 2004, conta que a do ano passado foi a mais difícil da qual participou.

Primeiro pelo tempo que levou para o acordo ser fechado. A data-base da categoria é 1.º

de julho, e a negociação foi concluída em dezembro. Com o lockdown dos restaurantes no primeiro ano da pandemia, o sindicato viu que não seria possível negociar reajustes. Então, as negociações de 2021 concentraram dois anos de aumentos de salários.

Os trabalhadores pleitearam 12%, referentes à inflação acumulada em 2020 e 2021, e conseguiram. Mas a contrapartida foi o parcelamento da correção em três vezes: outubro, janeiro e março. "O reajuste de 2020 e 2021 foi totalmente diluído dentro de outro período, e o INPC continua pressionado. Vamos ter de negociar em meados deste ano", explica.

Na análise da pesquisadora da consultoria IDados, Mariana Leite, o parcelamento dos reajustes, a inflação alta e o contingente de desempregados voltando ao mercado e disposto a ganhar menos enfraquecem o poder de barganha de quem está empregado. "Os ocupados estão competindo com os desocupados que aceitam ganhar menos." O impacto desse movimento na macroeconomia é menor consumo e menor crescimento da economia, já que o consumo das famílias responde por cerca de dois terços do PIB.

Surpresa
 Em novembro, 62% das negociações conseguiram repor o INPC de 12 meses

SETORES. Os obstáculos enfrentados pelos trabalhadores de restaurantes, bares e hotéis, por exemplo, ilustra as dificuldades nas negociações do setor de serviços. Esse foi o setor que mais sofreu com a pandemia por causa da paralisação das atividades e teve o pior desempenho nos reajustes. Em 2021, 60,4% das negociações dos serviços tiveram aumentos abaixo da inflação.

Um resultado que surpreendeu Ribeiro foi uma certa melhora que houve para os trabalhadores em geral nas negociações do segundo semestre. Em novembro, por exemplo, 62% dos reajustes conseguiram repor o INPC acumulado em 12 meses, de 1,08%.

Ele atribui essa conquista ao fato de o segundo semestre concentrar a data-base de categorias de peso, mais estruturadas, como metalúrgicos, bancários, petroleiros. E essas categorias oferecem maior resistência nas negociações. ●